

Metáforas conceituais em teorias linguísticas

Jéssica Bárbara T. Neves (UERJ)¹

Resumo: De acordo com a teoria das Metáforas Conceituais, proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a metáfora é um *aparato* cognitivo estruturador do pensamento e da experiência. Com base nesta teoria, o objetivo do trabalho foi analisar o aspecto metafórico das teorias linguísticas, ou seja, as metáforas usadas na concepção e conceituação de *língua*, assim como as metáforas relacionadas ao *fazer linguístico*, ou seja, relacionadas ao processo de delimitação da teoria e objeto de estudo. Foram analisados principalmente textos produzidos por teóricos das seguintes áreas: Linguística Gerativa, Sociolinguística, Linguística Cognitiva e Linguística Ecológica. Em relação às duas primeiras, foi observada a conceituação de língua. Já as duas últimas linhas teóricas são mais recentes e trabalham de forma que ainda não há um objeto de estudo delimitado, sendo assim, foi analisado o *fazer linguístico*, ou seja, o modo como vêm se organizando essas áreas. Depois de descritas, analisadas e ilustradas as metáforas, confirma-se não só a presença da *metáfora conceptual* no raciocínio teórico abstrato, como também se pode evidenciar os pontos em que as teorias linguísticas analisadas divergem/convergem no que diz respeito aos recortes teóricos e às perspectivas adotadas.

1. Introdução

De acordo com a Linguística Cognitiva, a metáfora não é apenas um ornamento linguístico de natureza poética, mas, sim, um aparato cognitivo estruturador do conhecimento e da experiência. A tese apresentada por Lakoff e Johnson em *Metáforas da Vida Cotidiana* (2002 [1980]), é a de que os conceitos abstratos são, em sua maioria, metafóricos. A fim de ilustrar essa tese, este trabalho teve como objetivo analisar textos de diferentes linhas teóricas da Linguística, os quais apresentam distintas metáforas que revelam os vários modos de conceptualização da língua. O fragmento abaixo, de Ataliba de Castilho (2010, p. 41), ilustra, de modo claro, a presença de diferentes perspectivas no estudo da linguagem.

O linguista e o gramático operam com um objeto guardado em sua mente e na mente dos indivíduos de sua comunidade, lidando com uma propriedade interna a ele, não evidente no mundo real. (...) Saussure mostrou que, para explicitar esse objeto, constituindo-o em matéria para estudos, necessitamos previamente de um ponto de vista sobre ele, acrescentando: “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que o ponto de vista que cria o objeto” (Saussure, 1917/1972:15). Ponto de vista é uma das traduções do termo grego *theoría*. Antes de prosseguir, vamos entender melhor o que Saussure quer dizer com “ponto de vista”. Para isso, será de utilidade recordar a conhecida fábula dos cegos e o elefante. Três cegos rodeiam um elefante e tentam achar uma definição para o bicho. Um palpa suas pernas e diz que o elefante é uma coluna cilíndrica, rígida, imóvel. Outro palpa a calda e concorda com o primeiro, exceto no quesito da imobilidade. O terceiro palpa a tromba e discorda dos dois no quesito da rigidez. Qual deles tem razão? Nenhum e todos ao mesmo tempo, pois cada um fez uma descoberta válida por si mesma, ainda que incompleta. Estudiosos das línguas e dos fenômenos sociais são como os cegos da fábula. Estão sempre pesquisando, e sempre produzindo resultados incompletos.

¹Orientadora: Prof^a Sandra Bernardo – UERJ; Coorientador: Prof. Hildo do Couto – UnB.

Como bem ilustrado pelo professor pesquisador Ataliba de Castilho, as teorias são sempre incompletas, pois dão conta de apenas uma parte do fenômeno linguístico. A língua é um objeto de estudo bastante abstrato; por isso, é conceptualizada a partir da experiência com o mundo real. De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 67): os “chamados conceitos intelectuais puros, como os conceitos de uma teoria científica, por exemplo, são frequentemente – talvez sempre – baseados em metáforas de base física e/ou cultural.”.

2. Metodologia

Para identificar as diferentes metáforas conceituais presentes nas definições feitas pelos teóricos, foram analisados alguns trechos de livros² dos seguintes pesquisadores: Chomsky (1997-2002), Labov (2007), Geeraerts (2006), e Couto (2012-13), nos quais apresentam suas concepções de língua. Portanto, foram analisadas as propostas do Gerativismo, da Sociolinguística, da Linguística Cognitiva e Linguística Ecolinguística³.

3. Análise

A Linguística Cognitiva e a Linguística Ecolinguística não são teorias que possuem um objeto de estudo delimitado, uma vez que a principal proposta apresentada é mudar a perspectiva em relação ao objeto, ou seja, romper a tradição de pesquisas anteriores. Sendo assim, a análise destas se dará principalmente sobre seu *fazer linguístico*, em outras palavras, a forma como criam uma nova perspectiva sobre a língua. Se há algo em comum entre elas é que ambas não concebem a língua como objeto, ou fenômeno isolado da mente ou do uso. E, se a língua não é concebida mais como um objeto autônomo, é necessário uma mudança de perspectiva teórica. Daí, surgem novas visões metafóricas acerca da língua.

Desse modo, enquanto será investigada a visão metafórica com que gerativistas e sociolinguistas expressam-se sobre determinado *objeto* de estudo, será analisada a visão metafórica que cognitivistas e ecolinguistas (linguística ecolinguística) possuem ao mudar a *perspectiva* sobre o fenômeno linguístico, como algo complexo e não delimitado. Os dados serão analisados de acordo com a seguinte ordem: Chomsky (1997-2002) – Gerativismo, Labov (2007) e Everett (2011) – Sociolinguística, Geeraerts (2006) – Linguística Cognitiva e Couto (2012-13) – Linguística Ecolinguística.

Após apresentação dos dados e sua respectiva análise, há uma gravura para representar o que pode ser chamado de *diferentes níveis de estudos linguísticos*⁴. Trata-se de três círculos (ver figura 1), o primeiro deles representa a mente; o segundo, a sociedade; e o terceiro, o território. Este último é considerado aqui em termos de sua dimensão geográfica. Nas seções

² Além de livros originais ou traduzidos, foram utilizados textos publicados na web e entrevistas publicadas em revistas presenciais ou *on-line*. Sempre as definições dos próprios teóricos, e não de terceiros.

³ Linguística Ecolinguística é uma vertente da Ecolinguística. O teórico Hildo do Couto é seu principal representante no Brasil, e principal fundador da Escola Ecolinguística de Brasília. Para mais informações, ver Couto (2007) e Couto, Elza (2013).

⁴ Foram denominados *níveis de estudos linguísticos*, a mente, a sociedade e o território, pois a língua é estudada basicamente nesses níveis e na relação entre eles. A linha formalista tem como foco a mente; as linhas funcionalistas, em geral, a sociedade e/ou território. Como será exposto a diante, há linhas teóricas que fazem uma abordagem que integra os diferentes níveis linguísticos.

correspondentes a cada teoria, está a gravura com o nível de análise em foco, preenchido em azul.

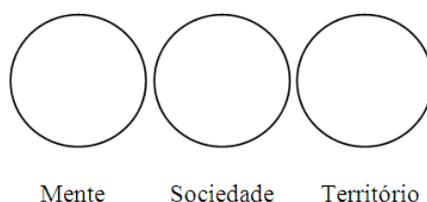


Figura 1 – Diferentes níveis de análise linguística

3.1. Chomsky – MENTE É MÁQUINA, LÍNGUA É SISTEMA COMPUTACIONAL.

Suponha que o *mecanismo* comece no estado inicial, percorra uma sequência de estados (produzindo uma palavra em cada transição), e termine no estado final. Chamamos a sequência de palavras produzida de “frase”. Cada *máquina*, então define uma determinada língua, isto é, o conjunto de frases que podem ser produzidas dessa forma. Qualquer língua que possa ser *produzida por um mecanismo* desse tipo, nós denominamos de língua de estado finito; e nós podemos chamar o mecanismo em si de gramática de estado finito (Chomsky, 2002, p. 18-19).

A criança ouve os dados, a mente começa a fazer *computações*, e aí surge o conhecimento do português, a gramática descritivamente adequada (Chomsky, 1997, p. 22).

Como forma de contrapor a visão behaviorista de Bloomfield, na qual o ser humano aprenderia a língua por meio da imitação, Chomsky enfatiza a criatividade humana e postula a existência de um dispositivo inato para a linguagem. O teórico utiliza frequentemente termos como *faculdade da linguagem*, *dispositivo de aquisição da linguagem*, *sistema computacional*, entre outros. Dessa forma, pode-se dizer que, para o gerativista, a mente é uma *máquina*, e a língua funciona como um sistema computacional, que, a partir da exposição a dado algoritmo, produz sentenças infinitas a partir de meios finitos.

Mente – Sociedade – Território

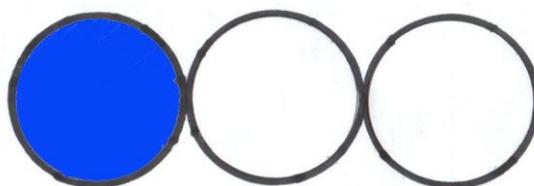


Figura 2 - Gerativismo

3.2. Labov e Everett – LÍNGUA É FERRAMENTA/ INSTRUMENTO

É a língua, o *instrumento que as pessoas usam* para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em Variação Linguística (Labov, 2007).

A linguagem não é apenas uma ferramenta. Ela é *a ferramenta* mais importante do homem. É ela que nos faz humanos. Pela fala e, depois, pela escrita, conseguimos formular pensamento e acumular conhecimento no decorrer das gerações (Everett, 2011).

Essa perspectiva dá enfoque à língua em uso e à distribuição de variáveis linguísticas de acordo com extratos sociais, distribuição geográfica etc. Assim, a metáfora da *ferramenta* é bastante pertinente, pois a língua, como meio de comunicação, é vista como um *instrumento de uso*. Para essa teoria, o enfoque está na relação sociedade/território.

Mente – **Sociedade** – **Território**

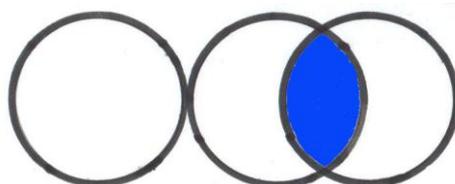


Figura 3 – Sociolinguística

3.3. Lakoff, Geeraerts e Fauconnier – LÍNGUA É A PONTA DO ICEBERG

A Linguística Cognitiva toma forma de um arquipélago em vez de uma ilha. Não se trata de um grande território, mas um conglomerado mais ou menos extenso, mais ou menos ativo de centros de pesquisa linguística que estão estreitamente unidos quanto à perspectiva partilhada, mas que ainda não se apresentam sob uma regra comum de uma teoria bem definida “(Geeraerts, 2006).

Apesar da LC não ser uma teoria unificada, a metáfora de Fauconnier (1997), de que a língua visível é apenas a ponta do *iceberg* (um complexo de operações cognitivas em processo durante a interação comunicativa seria a parte submersa do *iceberg*), pode representar de forma satisfatória o *arquipélago* como um todo. Há várias maneiras de estudar a língua, relacionando os processos cognitivos aos aspectos sociais. Assim, há várias *ilhas* que fazem estudos na perspectiva indivíduo/sociedade.

A partir da própria metáfora do *iceberg*, podemos encontrar a metáfora conceptual ENTENDER É VER, já que a parte visível do gelo representa a parte mais visível/compreensível da língua, enquanto que a parte submersa corresponde ao complexo de operações cognitivas ainda mal compreendidos.

A Linguística Cognitiva considera tanto o fator social como os processos mentais importantes para a compreensão do fato linguístico. Ao considerar a língua, tomando como enfoque a semântica, e, ao considerar a relação mente/mundo, ela se opõe aos estudos gerativistas que dão centralidade à sintaxe e estudam prioritariamente o nível da mente. Dessa forma, a LC se constitui como um arquipélago em termos de teoria, e considera a língua visível como o pico de um *iceberg*.

Mente – Sociedade – Território

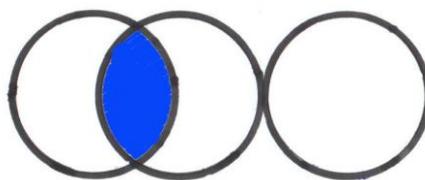


Figura 4 – Linguística Cognitiva

3.4. Couto – LÍNGUA É INTERAÇÃO, LÍNGUA É ECOSISTÊMICA.

Como a Linguística Cognitiva, a Linguística Ecolinguística (LE) sugere uma mudança de perspectiva em relação ao objeto teórico. Como afirma Couto (2012), essa teoria “nos fornece um novo ponto de vista para estudar os fenômenos em questão. A expressão 'ponto de vista' precisa ser sublinhada. Ela indica uma nova maneira de encarar o mundo. Temos que mudar nossa postura a fim de sermos bons ecolinguistas”.

Pesquisar a metáfora conceptual na LE tornou-se uma tarefa complicada, porém bastante interessante. O próprio nome *Ecolinguística* já indica uma possível relação entre Ecologia e Linguística. Ao analisar de modo superficial alguns textos teóricos, é possível concluir que a Ecologia serve como metáfora (metáfora no sentido amplo: figura de linguagem; transposição de termos) nos estudos linguísticos. Porém, uma leitura mais extensa e aprofundada revela a presença do Ecossistema como característica inerente à língua, ou seja, o Ecolinguista (LE desenvolvida na UnB) *faz ecologia*. Os conceitos da Ecologia não são simplesmente transpostos para a Linguística, há, de fato, uma Ecologia Linguística. Esse é um exemplo bastante evidente de Metáfora Conceptual.

Nós da Escola Ecolinguística de Brasília praticamos uma variedade da Ecolinguística que passou a ser chamada de LINGUÍSTICA ECOSISTÊMICA. (...) nós não usamos os conceitos da Ecologia apenas como metáforas para explicar fenômenos da linguagem. Para nós, a língua faz parte de um ecossistema, está inserida nele (Couto, 2012).

A própria Ecolinguística discute a questão da metáfora presente em seus estudos linguísticos, o que torna ainda mais interessante o estudo da metáfora conceptual nesses discursos. Este é um trabalho que precisa ser desenvolvido posteriormente, porque, ao contrário do exposto até o momento, o teórico Hildo do Couto em publicações recentes, nega a metáfora conceptual no *fazer linguístico* da LE. No entanto, parece tomá-la como a metáfora no sentido amplo, que é a transposição de conceitos. No trecho a seguir, o teórico discute a utilização da metáfora no sentido de Lakoff e Johnson (2002 [1980]) nos estudos da Ecolinguística.

Nós não usamos os conceitos ecológicos como metáfora, como se estivéssemos tomando-os de empréstimo à ecologia biológica para serem usados nos estudos linguísticos. O que nós fazemos é ecologia, diretamente. Para nós, a lingua(gem) é uma ecologia, um grande ecossistema, que contém outros ecossistemas, ou melhor, uma imensa teia de inter-relações (naturais, mentais, sociais) [Couto, Elza, 2013, p. 75].

As metáforas conceptuais estão relacionadas à forma como vemos e apreendemos o mundo. Neste trabalho, ao se afirmar que a metáfora conceptual está presente na Linguística

Ecossistêmica, se quer dizer, justamente, que não há uma mera *transposição de termos* da ecologia para a linguística, mas, sim, uma *conceptualização* de língua a partir de uma *experiência* com um *mundo que é ecossistêmico*. A metáfora conceptual está muito mais relacionada à forma como categorizamos o abstrato a partir da interação com o mundo, do que às próprias expressões linguísticas. Estas são apenas as pistas para se descobrir a metáfora conceptual. Esse assunto será desenvolvido com mais profundidade em trabalhos posteriores. Pelo fato da LE estudar o ecossistema linguístico, ela possui uma visão holística em seus estudos e, dessa forma, os três *níveis linguísticos* são relevantes, conforme aparece na figura 5.

Mente – Sociedade - Território

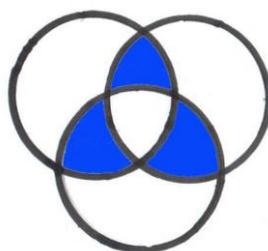


Figura 5 – Ecolinguística

4. Diferenças e semelhanças entre a Linguística Cognitiva e a Linguística Ecossistêmica

Ambas as teorias propõem uma mudança de perspectiva sobre o objeto de estudo e consideram uma rede de relações. A diferença é que a LC considera a língua, basicamente, como uma rede de relações que envolvem a mente e as interações sociais, enquanto a Linguística Ecossistêmica considera uma rede de relações na mente, outra na interação social e outra no espaço físico. A LE propõe, então, a existência de três redes, uma relacionada à outra, porém, essas relações não foram descritas metodicamente, estabelecidas formalmente. Em relação ao território, ambas o consideram como fator importante na construção do significado. Contudo, a LE e a Sociolinguística o consideram também como fator importante para estabelecer situações de comunicação e delimitar as variedades linguísticas.

5. Resultados e Discussão

Cada teoria linguística representa um ponto de vista sobre a língua, o que significa que cada uma das definições analisadas acima pode dar conta de uma única parte do fenômeno, e não dele inteiro, como escreveu Ataliba de Castilho. Por isso se diz frequentemente que o teórico faz um “recorte” para dar início às suas pesquisas. Por meio da teoria de metáforas conceptuais de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), esses pontos de vista distintos puderam ser explicitados. Nesse sentido, teorias linguísticas diferentes não implicam em objetos de estudo distintos. O objeto de estudo é um só: a língua. Haver teorias linguísticas diferentes implica em recortes diferentes de um mesmo objeto. Desse modo, quanto mais recortes são unidos, mais se completa a figura, e mais se pode compreender a totalidade do objeto, de outro modo, quanto mais se conhece de cada teoria, mais se conhece sobre a própria língua. Não se pode tomar um recorte teórico como o fenômeno completo.

O Gerativismo tem se mostrado uma teoria bastante eficiente para explicar a língua sob os aspectos da produção e da aquisição da linguagem. A sociolinguística auxilia na compreensão da língua em uso. A linguística Cognitiva procura conciliar os processos cognitivos e os aspectos sociais para explicar o significado construído na interação comunicativa. Por último e não menos importante, a Linguística Ecolinguística vem para lembrar a importância da integração das diferentes perspectivas e defender uma visão holística sobre o fenômeno linguístico.

Compreendendo-se as metáforas conceptuais presentes nas teorias linguísticas, é possível perceber com maior clareza, os limites de cada teoria e os recortes teóricos convergentes e divergentes. Este trabalho, ainda precisa ser desenvolvido e aprofundado para que as análises aqui realizadas sejam confirmadas ou não, e deve-se, também, incluir outras importantes teorias linguísticas, como a Análise do Discurso, a Linguística Sistêmico-Funcional, entre outras.

Referências

BARSKY, Robert F. *Noam Chomsky: a vida de um dissidente*. Tradução de Rosalind Mobaid. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do. *Ecolinguística: Um diálogo com Hildo Honório do Couto*. 1. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2013.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, Hildo do. *Linguística Ecolinguística*. Disponível em: <<http://www.meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/search?updated-max=2012-08-30T12:41:00-07:00&max-results=7>>. Acesso em: 10/10/12.

_____. *Ecolinguistics in Brasília*. Disponível em: <<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2012/08/ecolinguistics-in-brasil.html>> Acesso em: 15/10/12.

EVERETT, Daniel. A linguagem nos faz humanos. *Veja*, Editora Abril, edição 2259, n. 10, 07/03/2011.

GEERAERTS, Dirk. Introduction: a rough guide to Cognitive Linguistics. In: _____ (Ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 128.

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. *ReVEL*, v. 5, n. 09, ago. 2007. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf>.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Zanotto et al. São Paulo: Educ, 2002.